

CORRESPONDÊNCIA E DEPOIMENTOS ORAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA COMPARAÇÃO ENTRE DUAS FONTES DE DADOS PARA O ESTUDO DO PASSADO

*Alice Beatriz da Silva Gordo Lang**

RESUMO: Tomando como objeto a Revolta de 1924 em São Paulo, compara as possibilidades oferecidas por duas fontes de dados: cartas escritas nos dias da Revolta e depoimentos coletados décadas mais tarde. A correspondência analisada mostra também a vida cotidiana de uma família. Aspectos destacados: o cotidiano, a questão do tempo e da memória.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa qualitativa, correspondência, depoimentos orais, cotidiano, revolta de 1924.

Para estudar o passado, recorre o pesquisador a documentos de tipo variado, utilizando certamente técnicas apropriadas a cada um e consistindo sua avaliação numa questão de extrema importância.

As reflexões ora apresentadas têm por base resultados de uma pesquisa que, para a obtenção dos dados, fez uso de uma *fonte escrita*, constituída por uma correspondência familiar e de uma *fonte oral*, representada por depoimentos orais. A comparação entre ambas fornece elementos valiosos para uma discussão sobre as possibilidades, limites, vantagens e desvantagens do emprego de cada uma das fontes utilizadas.

Refiro-me à pesquisa *Família e Política em São Paulo (1910-1950)*** que tem por objetivo conhecer como o campo da política era vivenciado por grupos familiares. No foco da análise coloca-se a questão da intersecção e da interação entre os campos da política e da família, considerando *campos* segundo a perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu, como sistemas de relações sociais objetivas, regidos cada qual por sua lógica específica.

* Centro de Estudos Rurais e Urbanos/USP

** O Sub-projeto *Família e Política (1910-1950)* faz parte do Projeto Integrado de Pesquisa *Família em São Paulo: as especificidades estruturais e conjunturais da relação indivíduo e sociedade*, realizado pelo CERU com financiamento do CNPq.

As ocorrências que se dão no campo da política, ao nível portanto da sociedade mais ampla, vêm se refletir ao nível individual. O sujeito vivencia os acontecimentos políticos não apenas enquanto cidadão, mas em seus vários papéis sociais, enquanto trabalhador, enquanto membro de um grupo familiar, ou ainda enquanto membro de outros grupos sociais. Se o campo da política tem sua referência na ordem pública, a referência do campo da família está na ordem privada. O reflexo dos acontecimentos políticos no grupo familiar evidencia a intersecção entre os dois planos, o público e o privado e permite apreender a interação entre os dois campos – família e política. Procura-se verificar como os acontecimentos políticos se refletiam a nível familiar, como eram vivenciados por famílias que moravam na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX, focalizando grupos familiares de uma determinada camada social: a camada média-alta, camada privilegiada sob muitos aspectos.

Trabalha-se portanto com a interconexão entre o *público*, dimensão relativa aos fatos políticos e o *privado*, dimensão referida ao indivíduo, ao grupo familiar e à vida cotidiana.

Fonte de dados:

Foram utilizadas duas fontes de dados:

- Para o estudo das décadas iniciais, 10 e 20, dispunha-se da *correspondência* de uma família, constituída por centenas de cartas, dando-se especial destaque às cartas da mulher.
- Para o período subsequente, décadas de 30 e 40, foram coletados *relatos orais* de mulheres de uma classe social semelhante à do grupo familiar estudado através da correspondência e que definimos como uma classe *letrada*, podendo também ser considerada *média-alta*, considerando nível de instrução e padrão de vida. As entrevistadas, no entanto, reportam-se sempre a períodos anteriores e, por outro lado, chegam aos dias atuais.

A comparação dos resultados obtidos pelas duas fontes, uma *escrita* e uma *oral*, versando sobre a vida cotidiana e sobre a vivência de acontecimentos políticos, como exemplifica a Revolta de 1924 em São Paulo por sua referência nos dois tipos de documentação, possibilitou a discussão das *próprias fontes* utilizadas, colocando-se questões importantes ao pesquisador que trabalha com relatos orais, seja para a reconstrução de fatos, seja para estudos sociológicos que visam atingir grupos e as relações sociais que entre estes se estabelecem.

Referem-se estas reflexões de modo especial à questão do tempo – o passado e o presente; à fixação na memória dos fatos que rompem o cotidiano; ao processo seletivo do memorizar e do rememorar.

a) Correspondência:

O estudo das relações família e política nas décadas de 10 e 20 tem por base, a análise da correspondência de uma família e, de modo especial, as *Cartas de Eugênia*. Eugênia, paulista, filha de um advogado e Professor da Faculdade de Direito, nasceu em 1878. Em 1904 casou-se com Otávio, político paulista de destacada atuação como deputado e depois como senador federal; Eugênia era uma dona de casa, mãe de cinco filhos. A residência do casal era em São Paulo, mas Otávio passava grande parte do ano no Rio de Janeiro onde funcionava o Congresso Nacional. Às vezes Eugênia acompanhava Otávio no Rio de Janeiro, onde ele morava em um hotel, como ocorria com quase todos os políticos de outros Estados. Estando Otávio no Rio e Eugênia em São Paulo, o casal se correspondia quase que diariamente, tendo-se conservado um total de 1335 cartas escritas entre 1910 a 1929, quando Otávio faleceu vítima de um desastre.

Trata-se então de, com base na correspondência familiar e através dela, apreender o cotidiano familiar e o reflexo, o significado e a vivência dos acontecimentos políticos pelo grupo familiar. As referências aqui apresentadas reportam-se de modo especial às cartas de Eugênia, que têm nas de Otávio seu contraponto.

b) Depoimentos orais:

Para o estudo das décadas subsequentes, não se dispondo de fonte equivalente à utilizada para o estudo do primeiro período, recorreu-se a relatos orais. Foram coletados dezesseis relatos de mulheres que viveram em São Paulo no período, mulheres de extração social semelhante à da família considerada no período anterior.

Procura-se, através dos relatos, captar a vivência cotidiano e a vivência de fatos políticos.

Considera-se depoimento o relato que versa sobre um tópico específico.

A – O cotidiano:

– O cotidiano através da correspondência:

Nas *Cartas de Eugênia*, o cotidiano da família é relatado, assuntos os mais diversos são abordados, opiniões sobre acontecimentos de várias ordens são externadas.

Através das cartas de Eugênia apreende-se múltiplas facetas do cotidiano desta família considerada enquanto núcleo doméstico, observando-se a frequência com que são mencionadas e a importância a cada uma atribuída pela missivista: a moradia, mudanças, conservação e manutenção da casa; o orçamento doméstico gerido pela mulher; a educação dos filhos evidenciando a importância atribuída ao estudo para os filhos homens e a disciplina a eles imposta; os trabalhos domésticos significando bordados e costuras; as comemorações de aniversários e festas religiosas; o lazer incluindo a frequência a teatros, concertos, cinemas, exposições, etc; esportes, férias e viagens; a leitura diária de jornais, livros; a preocupação com a saúde que resultava na consulta a médicos e a frequência a estações de água, forma usual de tratamento para várias moléstias; os negócios e a vida profissional do marido.

A inserção do grupo familiar no meio social constitui uma dimensão significativa possibilitada pela análise. Sob a perspectiva das relações sociais, apreende-se a teia de parentesco que configurava a família extensa e o círculo de amigos desta família, seu delineamento e formas de manutenção. O relacionamento com parentes e com amigos, as ocasiões e formas como se davam, (visitas, formas diversas de comunicação, festas, comemorações, falecimentos, desavenças), evidenciando um distanciamento maior ou menor, permitem considerar a existência de círculos de parentesco e círculos de amizade, como esferas concêntricas que tem como centro o núcleo doméstico. Soma-se a isto tudo a vivência dos acontecimentos da cidade e do país.

O tempo revelado é o presente de Eugênia.

— O cotidiano através dos relatos orais:

Através dos relatos, recupera-se apenas o que ficou gravado na memória das pessoas, já submetido a um crivo seletivo que se faz presente no memorizar e no rememorar.

O tempo é um suceder contínuo. Lembra-se o cotidiano dos tempos passados em grandes linhas, perdem-se as datas. O tempo da memória é marcado por *fatos que rompem* o cotidiano, seja no âmbito da vida familiar (um casamento, um falecimento, uma viagem, uma doença, o nascimento do filho), seja no âmbito da sociedade (uma greve, uma revolução). Quando ocorrem fatos que rompem o fluxo do cotidiano, a memória se torna mais precisa, até as datas são lembradas.

Um crivo seletivo perpassa o memorizar e o rememorar.

B – A vivência de um fato político: a revolta de 1924 em São Paulo

Quanto à vivência de fatos políticos, foi aqui destacada a *Revolta de 1924 em São Paulo*, por sua referência tanto nas cartas de Eugênia quanto em depoimentos, possibilitando assim uma sugestiva comparação das duas fontes.

– Os fatos:

A década de 20 conheceu inúmeras manifestações de oposição do poder constituído. Em 1924, a cidade de São Paulo foi palco de um levante, realizado por uma ala do exército. O movimento não visava especificamente São Paulo ou pretendia nele se restringir. Motivos táticos levaram à opção por São Paulo para início de um movimento que contestava o governo do país e que deveria, segundo os planos iniciais, irromper simultaneamente em São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. A finalidade do movimento não era apenas derrubar o Presidente Artur Bernardes, mas implantar o programa revolucionário.

O movimento sedicioso teve início na madrugada do dia 5 de julho. O elemento surpresa fazia parte do plano, visando neutralizar a superioridade das forças governistas. Desde a madrugada do dia 5, nos bairros da Luz e dos Campos Elíseos, centro principal dos acontecimentos, ouviam-se de momento a momento descargas de metralhadoras e tiros de carabinas. Seguia-se com menor intensidade o bombardeio em outros bairros. As comunicações telefônicas e o fornecimento de energia elétrica sofriam cortes.

Mas já no dia 6, o Presidente Artur Bernardes enviava Mensagem ao Congresso Nacional, solicitando a decretação do *estado de sítio*. Afirmava que o foco da revolta estava na Capital da República. Imediatamente enviou para Santos uma esquadrilha composta dos *destroyers* "Bahia" e "Alagoas" e do couraçado "Minas Gerais", com um efetivo de mais de 3.000 homens. (O ESP, 8/7/24)

O Governador Carlos de Campos, face aos ataques ao Palácio dos Campos Elíseos, transferiu a sede do Governo para Guaiaúna, localidade próxima à Penha. A saída do governo e das forças legalistas da cidade obedecia à uma estratégia que consistia em promover o cerco da cidade, impedindo a saída dos revoltosos para o Rio ou para Santos.

No dia 9 achavam-se os Chefes revolucionários senhores da situação e o Jornal do Comércio do dia 10 apresentavam na primeira página, a manchete:

Levante militar as forças sublevadas triunfaram, ocupando a capital

No mesmo dia 9, a Junta Militar presidida pelo general reformado do Exército, Isidoro Dias Lopes tomou conta do Palácio dos Campos Elíseos. Pretendiam os revolucionários convidar o Conselheiro Antonio Prado para assumir o governo de São Paulo. A Prefeitura da Capital continuaria nas mãos do Prefeito Firmiano Pinto.

A cidade fora bombardeada, começavam já a escassear víveres. Saques ocorriam, com a conivência dos revolucionários, que pretendiam com isso obter o apoio da população. Combates sangrentos ocorriam em vários pontos da cidade. Inúmeros feridos eram levados à Santa Casa de Misericórdia. Muitos mortos. A Cruz Vermelha apelava à população e muitos automóveis particulares foram cedidos para a remoção dos feridos. Feriado foi decretado.

Famílias residentes nos bairros da Luz, São Caetano, Bom Retiro, Santana, Campos Elíseos e imediações dos quartéis, abandonavam às pressas suas moradias e procuravam abrigo nas casas de parentes e amigos residentes em pontos distantes das zonas em conflito. Aquela parcela da população que tinha alguns meios, deixou a cidade em direção ao interior, em trens e em automóveis. Mas São Paulo era então uma cidade de 700.000 habitantes e o número dos que partiam era insignificante face ao daqueles que por falta de meios tinham de permanecer.

A aviação era utilizada pelos dois contendores para avaliar as forças oponentes e ainda para despejar panfletos. Combates sangrentos se davam entre revolucionários e legalistas.

O Comando Revolucionário, percebendo sua desvantagem numérica, lançou um apelo à adesão, oferecendo vantagens materiais àqueles que aderissem ao grupo combatente.

Os motivos da revolta eram certamente desconhecidos de grande parte da população. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, até mesmo para muitos soldados as razões escapavam.

Uma comissão foi formada para solicitar ao Presidente Bernardes que cessassem os bombardeios sobre a cidade, se os revoltosos também a isso se comprometessem. Era constituída por: Firmiano Pinto, prefeito municipal; D. Duarte Leopoldo, arcebispo metropolitano; Júlio Mesquita, político e jornalista; José Carlos Macedo Soares, presidente da Associação Comercial; Frederico Vergueiro Steidel, presidente da Liga Nacionalista.

Os jornais de 24 de julho dão conta que os bombardeios continuavam, saques e incêndios se sucediam, trens partiam para o interior, moções de paulistas destacados eram enviadas ao prefeito e ao arcebispo pedindo que redobrassem esforços para que a luta fosse suspensa.

No dia 27, o General Isidoro enviou uma proposta de armistício ao comando legalista, proposta esta que tinha o patrocínio do presidente da

Associação Comercial de São Paulo. A proposta de armistício foi recusada pelo Governador Carlos de Campos. Nesta mesma noite, os revolucionários começaram a deixar São Paulo. (Martins, 1992: 283)

No dia 29 de julho, já as forças legalistas estavam vitoriosas e Carlos de Campos de volta aos Campos Elíseos.

– *A vivência dos fatos:*

Estes os fatos. Os jornais dão conta dos sofrimentos da população. Mas este povo não tem cara, não tem nome. Buscamos relatos pessoais, para conhecer como esta situação foi vivenciada a nível das famílias, que mecanismos foram utilizados para superar as dificuldades decorrentes de uma revolução dentro da cidade. Para isso, recorremos a informações obtidas através de duas outras fontes: as cartas de *Eugênia*, escritas para o marido nos dias do movimento e depoimentos de pessoas que moravam em São Paulo por ocasião da revolta.

– *Os fatos e a correspondência:*

As cartas de *Eugênia*, escritas ao marido que estava no Rio de Janeiro nos dias da Revolta, mostram o momento tal como *estava sendo* vivido pela família de *Eugênia*, evidenciam a emoção, a incerteza, a insegurança, o medo.

Estou te escrevendo às 4 da madrugada, debaixo do soar dos canhões. Mas terça-feira tornou-se zona de guerra.

A Revolta se reflete no cotidiano da família, não apenas alterando a rotina, mas trazendo transtornos emocionais:

No princípio fomos para a casa de Aninha, e como ela estivesse na Cruz Vermelha noite e dia e Alcino em Campos do Jordão, tomamos conta da casa. Lá estávamos relativamente bem, embora ouvíssemos tiroteios e bombardeios ... tornou-se zona de guerra e tivemos de sair às pressas em automóveis da Cruz Vermelha.

...
Voltamos para casa, mas os bombardeios continuam horríveis e também os tiroteios. Evelina de tão nervosa ficou doente, Nenê também nervosíssima. Dr. Ovídio a quem mandei chamar por intermédio da Cruz Vermelha, veio aqui e disse-me que sáísse quanto antes.

A verdade é que isto aqui está deserto, com as casas completamente fechadas e tudo tomado pelos soldados.

Quis ir para Sorocaba, mas os trens estão suspensos, para Santos onde eu quis ir desde o princípio é impossível, então resolvemos ir para a fazenda da Anninha. Estou muito triste com tudo isso e não sei como acabará.

Dificuldades materiais ocorriam e Otávio tinha de encontrar meios para mandar algum dinheiro para a família.

O Frontini deu-me dinheiro. (19/7)

Em outra carta, Eugênia escreve:

... continuam os bombardeios da grossa artilharia e tiroteios de carabina e metralhadora. Por aqui tem morrido muita gente em artilharias de bombas.

Parto hoje para a fazenda de Tia Anninha. Isto aqui está um horror, pensei na terça-feira quando voltei que pudéssemos ficar em casa, mesmo que fosse no porão ... estão todos nervosíssimos em casa.

Ao filho que estava no Rio com o pai, Eugênia explica a razão de não ter enviado a roupa solicitada: *Não veio do tintureiro e também porque suspenderam os trens.*

Eugênia mostrava-se muito preocupada com o marido: *Estou tão aflita com cuidado em teu Pai e sem saber quando isto terá fim.*

A coragem do empregado que levou sua carta ao correio mereceu comentários: *o Carmo ficou sozinho nesta casa debaixo de um tiroteio que durou três dias!*

O comunicado do General Isidoro ao povo de São Paulo publicado pelo O Estado de S. Paulo na edição de 29 de julho, edição apreendida, foi copiado e enviado por Eugênia a Otávio.

Terminada a Revolução, Eugênia escreve: *São Paulo ainda está muito triste, parece mesmo que parte da população ainda não voltou. Ontem fui com Anninha ver a casa dela e fiquei muito penalizada, pois está em completa ruína, será necessário refazer tudo.*

Se lá tivéssemos continuado teríamos morrido. Todos os quartos que ocupávamos ruíram completamente. Anninha, cunhada de Eugênia, estava muito preocupada, sem notícias do filho: Ontem até imaginava que ele tivesse querido passear e os revoltosos o tivessem fuzilado. Porém, chegou um telegrama dizendo que ele estava em Campos do Jordão.

Alguns dias depois de terminada a revolução, Eugênia ainda sente seus reflexos: *Eu ainda me sinto muito abalada com as emoções que tive com a revolução, sinto-me nervosíssima e muito abatida.*

A emoção perpassa os acontecimentos narrados, que evidenciam as dificuldades enfrentadas, a solidariedade recebida de parentes e a insegurança vivenciada.

– Os fatos e os depoimentos:

Depoimentos de mulheres paulistas que moravam em São Paulo neste julho de 1924, mostram a vivência do movimento; é a memória de um tempo passado cujas consequências a depoente conhece e avalia em função de seus valores atuais. Trechos significativos são aqui reproduzidos:

Maria do Carmo, paulista, filha de advogado, nascida em 1906, relata a Revolta de 24:

A revolução de 24 foi terrível para nós. Nós morávamos ali na Alameda Barros, a casa era muito grande, tínhamos muitos empregados, mas dentro de casa nós éramos quatro, papai, mamãe, minha irmã e eu. E começou aquela correria de tiroteio e tudo mais, e isso, aqui em São Paulo, tiros. Foi o "querido" Eduardo Gomes que veio bombardear São Paulo com o "vermelhinho". A gente enxergava o aviãozinho dele, ficava apavorada. Ele jogava bombas assim, Depois ele tornou-se um herói mais tarde. Mas ele veio destruir São Paulo. (...)

...
E daí ficamos aí quase não sei quantos dias. A família estava fora, toda sumiu, toda desapareceu.

Aí eles vieram e papai disse: "Vamos embora, porque eles vão tomar a casa. Pediram a casa". Eles entraram com tudo, pediram a casa da gente. Então eles entraram. Papai mandou abrir a porta, o portão da frente, e nós saímos pelo portão de trás, correndo, a pé, sem roupa, sem nada. Pela rua afora, correndo nós quatro. E fomos parar na casa de tia Elvira, irmã de mamãe que estava em Santos e que morava na Gabriel dos Santos. Na casa da minha tia tinha um copeiro antigo, abriu a porta, nós ficamos lá, dormimos sentados na sala de visitas, a noite inteira ouvindo aqueles tiros de canhão, a gente não podia nem dormir.

Aí no dia seguinte cedinho, assim que clareou o dia, papai disse que ia procurar o Luiz Pereira e o Pádua Salles, para ver se eles arranjavam um trem para a gente sair de São Paulo. Aí eles arranjaram, nós fomos, papai não sei como é que se comunicou com tio Nhonhô irmão de mamãe, ele emprestou o carro que nos pegou aqui e nos levou para a estação da Luz. Mas o trem não saiu; nós voltamos correndo na rua, desesperados pela rua. Aí, depois de andar não sei quanto tempo, aí nós encontramos um táxi, entramos nesse táxi que daí nos trouxe. O pessoal da Paulista arranjou um outro trem. Era um especial. Aí nós fomos, papai arranjou um outro táxi, por aí, andava a pé procurando, procurando. Aí nós fomos sem destino. Nós entramos no trem, da Companhia Paulista, sem destino. Aonde pudéssemos

entrar e ficar, nós tamos ficar. Praticamente com a roupa do corpo. Porque nós deixamos tudo aí, saímos correndo quando eles tomaram conta da casa e então nós não podíamos mais entrar. (...)

Os boatos eram terríveis. São Paulo está destruído, não tem mais nada de pé. Então papai dizia, imagine nossa casa que eles estão lá dentro, o que não terá acontecido!

Mas de casa eles saíram logo, depois de alguns dias eles foram embora. Ficaram lá dentro, iam fazer lá dentro o Quartel General. Depois viram que tinha muita escada, então queriam botar os canhões em cima, porque em cima tinha um terraço que avistava São Paulo inteiro. Naquele tempo não tinha prédios. Mas daí, como é que subia com os canhões lá para cima? Naquele tempo os canhões eram uma coisa pesada enorme, então não sabiam como. Daí desistiram foram embora. Ficaram lá uns empregados, dois ou três, porque os outros foram cada um para sua casa.

E daí quando acabou a revolução, arranjam os trem para voltar para São Paulo. Estávamos com o coração assim, sem saber como estava a nossa casa. Encontramos bem. Na minha cama tinha uma bala. Se eu estivesse dormindo lá, tinha sido morta. A destruição não foi muita. Mas os boatos eram muitos! Teve muita coisa estragada, mas demolição, assim, arrasamento, não houve. Porque logo depois acabaram os bombardeios.

Quanto às causas da revolta, Maria do Carmo apenas diz:

Foi porque queriam legalidade e era uma espécie de governo de "tacão", mandava em tudo, tomava conta de tudo. Por causa disso. Daí então é que veio a democracia. Daí é que veio a democracia. Então foi aumentando, aumentando, até que empolgou São Paulo. Mas aí já foi entrando em 32.

Outras depoentes falaram também sobre a Revolta de 24. Mas as recordações do levante são poucas. Uma delas é Georgina, filha de advogado e neta de um ex-Presidente do Estado de São Paulo, nascida em 1906:

Na Revolução de 24, eu tinha 18 anos. Morava na Rua Tamandaré. E o fundo da nossa casa dava para aquele quartel da Força Pública na Rua Vergueiro. Mais para baixo um pouco era a nossa casa; tinha quase 100 metros de fundo para a Rua Tamandaré. E depois subia, era o Quartel. Eu me lembro de minha mãe: "Ai, essas meninas". Eu tinha 18 anos, minha irmã tinha 15. Era tropa andando pela cidade. Teve um dia que nós comemos, tomamos café, com mandioca que tinham plantado no quintal. Não podia nem comprar pão na padaria que ficava três quadras mais abaixo. Porque sair na rua, era tiro para todo lado. Eu tinha até um quadro na parede de casa, que tinha um furinho de bala. Uma bala que entrou pela janela. A casa era térrea na frente, mas como o terreno era lançante, tinha um porão alto. A gente passava a vida no porão, porque a gente não podia sair.

Nós saímos da cidade no fim de uns dias, mas mais de uma semana nós ficamos em São Paulo. Mamãe nos prendia – "Essa soldadesca solta aqui! essas meninas!" Já eram moças. Não deixava a gente sair de casa, nem botar a cara na janela. Daí, conseguimos de madrugada sair daqui, pegar o trem, um trem que ia para o interior e fomos para a fazenda do meu avô, a Fazenda Ressaca. Ficamos lá na fazenda mais quinze dias, porque foi até quase o fim do mês. Começou no dia 5 de julho e foi até quase o fim do mês.

Outro relato é o de Maria, filha de cientista, nascida em 1909:

Eu trabalhei muito na Revolução de 24. A Revolução foi muito triste, porque foi no centro de São Paulo. Nós morávamos já ali em Higienópolis, na Veiga Filho. Eles atiravam para os Campos Elíseos e os obuses passavam – "trrrrom" – a gente ouvia o barulho das bombas. Meu pai dizia: "Se uma desgraçada destas bombas perde a força e cai aqui!" Não sei de onde eles atiravam. Só sei que o Brás foi muito atingido. E o pessoal foi se refugiar naquele cinema, eu já me lembro o nome; e uma bomba caiu lá, feriu muita gente, muitas crianças. A mãe de Maria, as filhas e uma amiga, ofereceram-se para trabalhar como voluntárias na Santa Casa, onde eram tratados os feridos.

Nós ficamos em São Paulo quase o tempo todo. No final, quase no final, estava um negócio muito feio, Dr. Cazuza (J.J. Cardoso de Melo Neto) convidou para fugirmos para uma fazenda de um amigo dele. Estava tudo separado, tudo previsto já. Todo mundo estava escondendo documentos e coisas de valor debaixo do telhado para poder largar a casa abandonada até terminar a revolução. Nós não chegamos a sair, mas estávamos de saída para fugir. Estava muito feio.

Mostram estes depoimentos a evocação de um fato que ficou no passado, cujo desfecho é conhecido. Permanecem na memória destas mulheres os fatos que romperam o cotidiano. Evidencia-se a solidariedade encontrada dentro da família extensa, ou na mesma classe social, configurando uma forma de *solidariedade horizontal*. As causas e os resultados da revolta são ignorados ou não foram fixados na memória.

Considerações:

A comparação dos dados referidos a um mesmo fato e provenientes de diferentes fontes permite algumas considerações:

A questão do tempo: o tempo presente e o tempo já vivido,

O tempo referido nas cartas é o tempo do presente, é o tempo do *vivido*, quando as possibilidades ainda estão abertas, quando o futuro é ainda uma incógnita. Dúvidas, incertezas e esperanças cercam o porvir. E essa dimensão é atingida pela análise de correspondência, ou outros documentos reveladores do cotidiano, como o seriam também diários, documentos esses, no entanto, de muito difícil acesso. É o fato vivido no cotidiano, em sua dimensão *privada*. É o passado, tal como estava sendo vivido. Pelos jornais, chega-se também a esse tempo vivido, a esse *presente*, mas em sua dimensão externa à vida cotidiana do grupo familiar, é a visão da dimensão *pública*.

Através de depoimentos, chegamos a um passado que *já foi vivido*, temos a visão do passado mediada pelo presente do depoente, por seus valores atuais. É com os olhos de hoje que o depoente conta o passado, impondo a ele critérios seletivos que vão sendo formados no decorrer do tempo e que poderão, muito provavelmente, diferir dos valores que orientavam seu comportamento e sua ação no passado.

Pelas correspondências, atingimos o passado tal como *estava sendo vivido*, o que ocorreria também com diários, enquanto que através de depoimentos, chegamos a um passado que *foi vivido*. A *emoção* dos participantes do evento revela-se bastante diversa, em se tratando de um tempo em que o futuro é incerto e de outro já passado, cujo desfecho é já conhecido.

A memória e o rompimento do cotidiano:

A questão do tempo remete também à questão dos fatos rememorados e, de modo especial, aos fatos do cotidiano. Evidencia-se na correspondência o cotidiano em suas múltiplas dimensões, enquanto através dos depoimentos verifica-se que o cotidiano é memorizado em grandes linhas, permanecendo na memória de forma bastante mais precisa aqueles fatos que romperam o cotidiano, seja a nível familiar, seja a nível de acontecimentos ocorridos na sociedade mais ampla.

O processo seletivo do memorizar e do rememorar:

Nos depoimentos está presente um crivo seletivo que já teria atuado na memorização e que se faz sentir na própria rememoração. Há uma reelaboração do passado mediada pelos valores atuais do depoente, que é muito nítida.

Estas duas fontes – correspondências e depoimentos – de grande riqueza para o conhecimento do passado revelam, na vivência do cotidiano e de acontecimentos, a dimensão do privado, da vivência a nível pessoal, a nível dos grupos primários.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre – *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Librairie Droz, 1972
- BOSI, Eclêa – *Memória e sociedade*. São Paulo – T.A. Queiroz, 1979
- BRUSCHINI, Cristina – *Mulher, casa e família – cotidiano nas camadas médias paulistas* – São Paulo – Fundação Carlos Chagas, Vértice, Revista Editora dos Tribunais, 1990
- CARONE, Edgard – *Revoluções do Brasil contemporâneo 1922/1928* – São Paulo, Difel, 1965
- CASTRO, Sertório de – *A República que a revolução destruiu*. São Paulo – Freitas Bastos, 1932
- CORRA, Anna Maria Martinez – *A rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1976
- FAUSTO, Boris – *Pequenos ensaios da História da República: 1889-1945*. São Paulo, Cebrap, 10, 1972
- HALBWACHS, Maurice – *La mémoire collective* – Paris, Presses Universitaires de France, 1950
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989 (3ª edição)
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (org.) – *Reflexões sobre a pesquisa sociológica* – São Paulo – CERU, 1992 (Coleção TEXTOS 3, 2ª série)
- LOVE, Joseph. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro – Paz e Terra, 1982
- MARTINS, José de Souza – *Subúrbio. Vida cotidiana e história do subúrbio da cidade de São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo/Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura – *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo – T.A. Queiroz, 1991
- VON SIMSON, Olga R. de M. (org.) – *Experimentos com histórias de vida (Brasil-Itália)*. São Paulo – Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1988

ABSTRACT: Taking as subject the Rebellion of 1924 in São Paulo, this article compares the possibilities offered by two sources of information: letters written during the days of the Rebellion and testimonies collected decades later. The analysis of these letters also shows the daily life of a family. The main aspects focused in this article are: daily life as well as the question of time and memory.

KEY-WORDS: qualitative research, correspondence, oral testimonies, daily life, Rebellion of 1924.